

humanitas



Vol. LXII
2010

de uma mesma figura. É também comum a referência à representação das várias personagens em múltiplas artes ou em textos de autores posteriores, a sublinhar a perenidade de figuras da Antiguidade clássica e dos valores que elas simbolizam, mesmo no mundo contemporâneo.

As naturais imposições destinadas à duração da exposição e comentário das fontes impedem o desejo de alguns colaboradores de desenvolverem mais determinados assuntos, ou de introduzirem outros testemunhos.

Em jeito de conclusão, sublinhe-se que este título, amplo e bem organizado, é de interesse para um tema que se revela actual.

A inclusão de um índice onomástico seria todavia de grande utilidade e pertinência, facilitando a localização rápida de outras figuras femininas citadas na obra, ainda que não abordadas de modo desenvolvido. Igualmente bem-vinda seria a previsão de uma síntese um pouco mais alargada sobre os vários contributos individuais, no prólogo dos editores.

SUSANA HORA MARQUES

La Renaissance de Lucrèce, Paris, PUPS, Cahiers V. L. Saulnier 27, 2010, 252 pp. ISBN: 978-2-84050-677-5.

Frank Lestringant, no artigo de abertura deste volume, que intitula “Lucrèce, la Renaissance et ses naufrages: à propos du «*suaue mari magno...*»”, afirma (p. 7): «“Renaissance de Lucrèce” et non pas “Lucrèce à la Renaissance”. La nuance, voulue par Emmanuel Naya, le responsable du présent volume, est d’importance». O título (com o motivo epicurista do *suaue mari magno* dos quatro primeiros versos do Livro II do *De rerum natura*), os objectivos e a indicação do responsável deste volume – ausente na ficha técnica – são agora clarificados: não se trata de uma obra de história da recepção, nem se inscreve na perspectiva positivista que vê na influência de Lucrécio, na França do século XVI, ou no Renascimento italiano, uma conquista do racionalismo, conquista progressiva e inelutável, na linha dos estudos de Simone Fraisse (1962) e de Susanna Gambino Longo (2004). Em oposição a uma reconstrução linear, que peca por ilusão teleológica, esta obra apresenta estudos de doze autores, um mosaico de leituras modernas de Lucrécio, diversas e contraditórias, já que Lucrécio, no Renascimento, está vivo e o *De rerum natura* é um poema da natureza, em perfeito devir, aberto a múltiplos sentidos e utilizações.

Curioso é que, neste período de renascimento clássico, nesta época das Descobertas, uma obra tida como breviário do materialismo vá tingir-se de cepticismo, ou casar-se com o humanismo cristão, como em Maurice Scève, ou mesmo servir a apologética reformista, como no tratado *De la verité de la religion chrestienne* de Philippe Duplessis-Mornay, ou em *La Sepmaine* de Du Bartas (Jean Céard, “Lucrèce et les commentateurs de *La Sepmaine* de Du Bartas”, p. 223-231)

É nesta diversidade de leituras que os autores renascentistas fazem do poema latino, na questionação da sua mensagem, enriquecendo-a de significados, que se perspectivam os estudos que informam esta obra, em que filologia e estética literária se entrelaçam com filosofia. Aliás é esta união entre poesia, de grande fôlego, e filosofia, no *De rerum natura*, que faz de Montaigne, segundo confessa, um fervoroso leitor de Lucrecio, tão presente nos *Essais* e na *Apologie de Raimond Sebond*. Neste obra, é o poeta mais citado, logo a seguir a Virgílio (Françoise Charpentier, “Lucrèce manifeste, Lucrèce palimpseste dans l’ «Apologie de Raimond Sebond»”, p. 115-140).

Montaigne é, na verdade, modelar na reinterpretação, na reinvenção engenhosa dos seis livros do poeta latino, que têm *Venus Genetrix* como deusa tutelar. Em muitos passos da obra do pensador quinhentista, a citação lucreciana torna-se um verdadeiro puzzle que faz surgir um texto novo, com pedaços do antigo, como resultado de um percurso imprevisível. Está neste caso o passo de *Essais* (I, 19), «Que philosopher c’est apprendre à mourir», em que parte da prosopopeia do *De rerum natura* (III, 93-977) contra os que têm medo da morte – segundo a verdade epicurista, a morte não é nada para nós, não há nada depois da morte (III, 830), pelo que se atormentam em vão, com a crença religiosa, que os faz viver num inferno. Serve-se Montaigne do passo lucreciano, para denunciar a instabilidade e insegurança da crença e o desconhecimento de si próprio, por parte do sujeito crente, e, em seguida, introduzir a questão da morte e da imortalidade da alma. Apoiando-se num argumento do Canto III (vv. 613-615), Montaigne, depois de ter estigmatizado o zelo dos cristãos contemporâneos, que considera cobertos de vícios e irreligiosos, sugere que o seu medo da morte mostra bem a fragilidade da sua fé (Alain Gigandet, “Montaigne et Lucrèce: sur l’illusion et la croyance”, p. 157-162).

Na continuidade deste tema, o artigo de Alain Legros, “Montaigne, annotateur de Lucrèce: dix notes «contre la religion»”, reflecte sobre as dez notas autógrafas de Montaigne, no seu exemplar de Lucrecio (primeira edição de Denys Lambin, editada por M. A. Screech, *Montaigne’s annotated*

copy of Lucretius, Genève, Droz, 1998). Uma tal insistência, nesta anotação, assinala, por parte de Montaigne, o seu interesse por estes passos em que o poeta-filósofo latino argumenta contra as religiões do seu tempo, mas também contra toda a religião do passado, presente e futuro. Aliás, o artigo definido da nota “a religião” parece conferir um carácter geral à referência de Montaigne que, *mutatis mutandis*, poderia aplicar-se também ao cristianismo. O seu juramento de fidelidade à religião católica, pronunciado perante o Parlamento de Paris, em Junho de 1562, não impediu o seu interesse por um tema polémico, em pleno período de guerras de religião que assolavam a Europa e rasgavam a túnica indivisa de Cristo.

Na verdade, ilustrativo destas metamorfoses modernas de Lucrecio, ou antes, desta reinvenção contínua de Lucrecio pelos autores do Renascimento, é Montaigne, entre todos, o exemplo mais expressivo, neste volume, de que se ocupam diversos autores (“Troisième Partie: Conférer avec Lucrèce”).

Estruturalmente, esta obra apresenta uma primeira parte, “La diffusion de la philosophie de Lucrèce”. A amplitude temática da epopeia da natureza, *De rerum natura*, que é também apresentada sob o olhar dos autores modernos, surge com grande clareza no artigo de Jean Salem, “Lucrèce et l'épicurisme. Introduction générale” (p. 19-34). Os estudos seguintes ocupam-se das edições quinhentistas comentadas que difundiram a obra de Lucrecio: John O'Brien, “Le Lucrèce de Denys Lambin: entre revendication et prudence” (p. 35-46) e Élodie Argaud, “«L'autre moitié du projet»: enjeux philosophiques de l'édition du *De rerum natura*. Lambin et la dissensus sur le corps de l'âme” (47-82). Este último estudo debruça-se sobre o livro III do poema de Lucrecio – de grande alcance filosófico, e de grande significado na história da recepção do epicurismo, na época clássica – e sobre as releituras possíveis «de cette tentative philosophique pour penser l'âme de façon matérielle».

A segunda parte deste volume: “Sciences de l'homme et de la nature” integra dois estudos: o primeiro, do autor que assinou o artigo de abertura, Frank Lestringant, “Les origines de la société humaine: Lucrèce et l'anthropologie de la Renaissance” (p. 85-95) mostra-nos como Lucrecio reaviva, nos autores do Renascimento francês e designadamente nos poetas, como Ronsard, Jodelle, Du Bartas e seus amigos da Pléiade, o sonho da Idade do Ouro e abre caminho ao entendimento do primitivismo dos povos do Novo Mundo descoberto, nestes termos: «De plus, par une sorte de choc en retour, l'Amérique à présent explicait à l'Europe ses propres origines».

A unidade intrínseca do mundo material, e a unidade da natureza, em que o indivíduo se insere, defendidas pelo *De rerum natura*, não deixam

insensíveis os autores do Renascimento. A presença da teoria atomista da constituição da matéria, de influência lucreciana, em certas exposições de física elementar – que difere, na sua própria essência, da física qualitativa aristotélica, tal com se pratica ainda massivamente no século XVI – é o tema do estudo de Violaine Giacomotto-Charra, “L’influence de Lucrèce sur la théorie des éléments à la Renaissance: concepts et représentations” (p. 97-112).

A quarta e última parte da obra – precedida da terceira, a que já se fez referência, sobre Lucrecio e Montaigne – intitula-se “Poétique Lucrétienne”. Nela se inserem quatro estudos que analisam o estilo de Lucrecio, no seu *De rerum natura*, exemplo genial de poesia didáctica que, pela consumada união entre poesia e filosofia, se afirma como uma epopeia da natureza. O culto da forma e da forma clássica, no Renascimento, e o fascínio que exerce a *ars scribendi* lucreciana em prosadores e poetas, e em teorizadores desta época, são objecto dos seguintes estudos: Isabelle Pantin, “Le *De rerum natura* comme modèle poétique. Réflexions sur quelques divergences entre l’Italie et la France” (p. 165-184); Susanna Gambino Longo, “La *spositione* de Lucrèce par Girolamo Frachetta et les théories poétiques de la fin du XVIe. siècle en Italie” (p. 185-200); Edward Tilson, “«La forme demeure et la matière se perd»: emplois du *De rerum natura* chez Ronsard” (201-222); Jean Céard, “Lucrèce et les commentaires de *La Semaine* de Du Bartas” (p. 223-231).

Apesar da divisão em partes deste volume, segundo as temáticas afins, não é possível sistematizar ideias e motivos, que se entrecruzam ao longo de toda a obra, o que só a enriquece, do ponto de vista pedagógico, e lhe confere unidade intrínseca.

A finalizar o volume, a erudição e a finura da “Conclusão”, de Emmanuel Naya, responsável por este volume, de uma densidade e profundidade notáveis; um *Index nominum*, e um Índice Geral (a que se agregam a relação das actividades do Centro V. - L. Saulnier e dos membros da Associação V. - L. Saulnier).

Um volume notável, imprescindível para o conhecimento da obra de Lucrecio, na sua intemporalidade, e esclarecedor da mundividência dos autores do Renascimento europeu, a partir da leitura que fizeram do poeta-filósofo romano do século I a. C.

Uma bela edição que se impõe pela qualidade dos seus estudos e pelo renome dos seus autores, que honra e prestigia a Universidade de Paris-Sorbonne.